

A encruzilhada da nossa civilização

Este ano, temos visto pequenas amostras do que aí vem. E falta-nos tempo até que a Ciência chegue à tecnologia necessária para a transição energética

POR CARLOS A. CUPETO



* Geólogo, professor na Universidade de Évora e membro do Conselho Coordenador da SEDES de Évora

Há quase uma década, Stephen Emmott, no seu livro *Dez Mil Milhões – Enfrentando o Nosso Futuro*, escreveu preto no branco sobre a causa de todas as coisas: “Somos muitos.” Ou seja, a explosão demográfica tudo explica. O aumento da população é o único sentido da História da Humanidade e é o que provoca o efeito “alteração climática”. Afinal, com esta realidade, a sustentabilidade, de que há décadas todos falamos, é insustentável. A agonia da Terra, devido ao esgotamento de recursos e aos significativos impactos irreversíveis nos seus ciclos naturais, é grande e real. Como se isto não bastasse, a verdade não é assumida; pelo contrário, é rodeada por “soluções” que não conduzem a qualquer mudança; fica tudo na mesma, porque é o essencial para o modelo vigente. É assim que chegamos à Glasgow Climate, a 26^a conferência.

É óbvio que Glasgow não vai ser significativamente diferente, não pode ser diferente. Alguns cientistas começam a admitir que uma mudança significativa do nosso modo de vida não é possível e teria consequências ainda mais catastróficas. Assim, o enorme desafio que temos em mãos não tem solução única ou simples e exige, no mínimo, a verdade.

Sabemos que a Terra é finita e que todos temos direito a recursos e a alimentos. Em 50 anos, a produção de carne

aumentou 500% e ainda assim a fome é um flagelo. Tudo se pode resumir numa só palavra: consumo. Consumir cada vez mais, com uma enorme intensidade, é um desígnio do nosso modo de vida, incapaz de suportar o conceito de “sustentabilidade”. A receita, conhecida por transição energética, que nos soa bem e é incontornável, é uma mudança radical e abrupta com consequências imprevisíveis; a vida como não a conhecemos.

Há décadas que as consequências são conhecidas e estão previstas. Os 14 mil artigos científicos que sustentam o mais recente relatório do IPCC não deixam dúvidas: o difícil é encontrar um só artigo que aponte um caminho, um conjunto de soluções que evite o acidente e que nos situe na tal transição. A China retirou centenas de milhões de pessoas da pobreza, essencialmente através de centrais de carvão a baixo custo. É esta tecnologia que anda a exportar pelo mundo, nas zonas mais pobres de África e da Ásia. Entre 2000 e 2018, a China triplicou a quantidade de carvão consumido. Na verdade, apesar de tudo o que se propagandeia, os combustíveis fósseis fornecem cerca de dois terços da eletricidade mundial, contra os 7% das renováveis. Dizem-nos que mudanças de políticas, designadamente através de taxas verdes mais consistentes e fortes, nos conduzirão à transição energética;

tenhamos presente que estas taxas são pagas pelo petróleo. Não há “tecnologia verde” que satisfaça as necessidades energéticas, e falta-nos tempo para que a Ciência chegue à tecnologia necessária. Não há tempo, e vontade, para a inovação de que necessitamos.

VIVER A CRÉDITO

Por quanto mais tempo a insustentabilidade em que vivemos é suportável pela Terra? Neste ano, a 29 de julho, atingimos o Earth Overshoot Day (dia da sobrecarga da Terra). Todos os anos, este dia ocorre mais cedo. Daí até ao final do ano, durante cinco longos meses, vamos viver com o que não temos. Isto é possível durante mais quantos anos? Se atendermos que o primeiro semestre de 2021 foi, comparativamente, um tempo de pouca atividade económica, este facto é assustador.

E em Portugal? Absurdamente, por cá este dia atingiu-se dois meses e meio mais cedo: a 13 de maio, esgotámos os nossos recursos. Dizem-nos que Lisboa é Capital Verde da Europa, que somos “o professor da transição energética na Europa” (ministro Matos Fernandes), mas, na verdade, somos pobres e não suficientes, um País com uma densidade populacional cada vez mais baixa, e como resultado desta triste equação gastamos aquilo a que temos direito em pouco mais de cinco meses. Vamos estar sete meses a viver do que não temos e que pertence a outros; gastamos e não produzimos. Como é possível tal absurdo? Diga-se que, no geral, o desempenho da Europa é miserável. Apesar de tudo, a China atinge o Earth Overshoot Day (7 de junho) bem mais tarde do que a generalidade dos países europeus; quem diria? O próprio Brasil, tão questionado pela Amazónia, um verdadeiro produtor alimentar do planeta, atinge a sobrecarga a 27 de julho.

Mesmo os mais otimistas, ou distraídos, deram-se conta de que, nos últimos meses, um pouco por todo lado, ocorreram algumas pequenas amostras do que acontecerá: contingências naturais nunca antes vistas, de Natureza imprevisível (o quê? quando? e onde?), cada vez mais frequentes e com efeito mais significativo. Isto é, ocorrências a roçar o inimaginável. Como sabemos, Portugal tem uma localização, geográfica, de grande exposição atlântica e tectónica particularmente sensível.

Estamos numa encruzilhada civilizacional e temos de responder com seriedade: como atingir a neutralidade carbónica garantindo energia fiável disponível a toda a hora? ■ visao@visao.pt

PSE PCP
HISTÓRIA
DE UMA RELAÇÃO
TENSA

COP26
O QUE ESTÁ
EM JOGO
NA CIMEIRA
DO CLIMA

VISÃO

EDIÇÃO VERDE

**JOÃO PEDRO
MATOS
FERNANDES**
“AQUELES QUE
ACHAM QUE
O AMBIENTE
E A ECONOMIA
ESTÃO DE COSTAS
VOLTADAS
NÃO TÊM RAZÃO”



A subida do nível das águas é uma das maiores ameaças para Portugal nos próximos anos, além dos incêndios, das secas e das ondas de calor

EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

O FUTURO QUE NOS ESPERA

OS CENÁRIOS DE RISCO, PARA PORTUGAL E O MUNDO, TRAÇADOS PELOS CIENTISTAS FILIPE DUARTE SANTOS, CARLOS DA CAMARA, PEDRO MATOS SOARES E CARLOS A. CUPETO

O QUE CADA UM PODE FAZER PARA PROTEGER O PLANETA